



ESCOLA DE GUERRA NAVAL



NÚCLEO DE AVALIAÇÃO
DA CONJUNTURA

BOLETIM

GEOCORRENTE

22 de outubro de 2020

ISSN 2446-7014

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

ANO 6 • N° 127

PRIMEIRA VIAGEM DO MAIOR QUEBRA-GELO RUSSO EM DIREÇÃO AO ÁRTICO

ESTE E OUTROS 14 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO



O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Ademais, algumas edições contam com a seção “Temas Especiais”.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

DIRETOR DA EGN

CONTRA-ALMIRANTE PAULO CÉSAR BITTENCOURT FERREIRA

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

CONTRA-ALMIRANTE (RM1) MARCIO MAGNO DE FARIAS FRANCO E SILVA

CONSELHO EDITORIAL

EDITOR RESPONSÁVEL

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) LEONARDO F. DE MATTOS (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) FRANCISCO E. ALVES DE ALMEIDA (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

CAPITÃO-TENENTE BRUNO DE SEIXAS CARVALHO (EGN)
JÉSSICA GERMANO DE LIMA SILVA (EGN)
NOELE DE FREITAS PEIGO (FACAMP)
PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-Rio)

DESIGN GRÁFICO

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)

DIAGRAMAÇÃO

PEDRO DA SILVA DE ALBIT DE PENEDO (UFRJ)

PESQUISADORES DO NÚCLEO DE AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA

ÁFRICA SUBSAARIANA

ARIANE DINALLI FRANCISCO (UNIVERSITÄT OSNABRÜCK)
BRUNO GONÇALVES (UFRJ)
FRANCO NAPOLEÃO A. DE ALENCASTRO GUIMARÃES (PUC-Rio)
ISADORA JACQUES DE JESUS (UFRJ)
JOÃO VICTOR MARQUES CARDOSO (UNIRIO)
VIVIAN DE MATTOS MARCIANO (UERJ)

AMÉRICA DO SUL

ADRIANA ESCOSTEGUY MEDRONHO (EHESS)
CARLOS HENRIQUE FERREIRA DA SILVA JÚNIOR (UFRJ)
GABRIELA DE ASSUMPTÃO NOGUEIRA (UFRJ)
MATHEUS SOUZA GALVES MENDES (EGN)
PEDRO EMILIANO KILSON FERREIRA (UNIV. DE SANTIAGO)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)
JÉSSICA PIRES BARBOSA BARRETO (EGN)
RAFAEL ESTEVES GOMES (UFRJ)
VICTOR CABRAL RIBEIRO (PUC-Rio)
VICTOR EDUARDO KALIL GASPARGILHO (EGN)

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 350 palavras ao processo avaliativo por pares.

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.

Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca - CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do BOLETIM GEOCORRENTE, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

ÁRTICO & ANTÁRTICA

ANA CAROLINA FERREIRA LAHR (EGN)
GABRIELE MARINA MOLINA HERNANDEZ (UFF)
PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-Rio)
RAPHAELLA DA SILVA DIAS COSTA (UFRJ)

EUROPA

MELISSA ROSSI (SUFFOLK UNIVERSITY)
NATHÁLIA SOARES DE LIMA DO VALE (UERJ)
THAÏS ABYGAËLLE DEDEO (UNIVERSITÉ DE PARIS 3)
VICTOR MAGALHÃES LONGO DE CARVALHO MOTTA (UFRJ)

LESTE ASIÁTICO

JOÃO PEDRO RIBEIRO GRILO CUQUEJO (IBMEC)
LUÍS FILIPE DE SOUZA PORTO (UFRJ)
MARCELLE TORRES ALVES OKUNO (IBMEC)
PHILIPPE ALEXANDRE JUNQUEIRA (UERJ)
RODRIGO ABREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)
VINICIUS GUIMARÃES REIS GONÇALVES (UFRJ)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

ADEL BAKKOUR (UFRJ)
ANA LUIZA COLARES CARNEIRO (UFRJ)
ANDRÉ FIGUEIREDO NUNES (ECEME)
ISADORA NOVAES DOS SANTOS BOHRER (UFRJ)
DOMINIQUE MARQUES DE SOUZA (UFRJ)
PEDRO DA SILVA ALBIT PENEDO (UFRJ)

RÚSSIA & Ex-URSS

JOSÉ GABRIEL DE MELO PIRES (UFRJ)
LUIZA GOMES GUITARRARI (UFRJ)
PEDRO MENDES MARTINS (ECEME)
PÉRSIO GLÓRIA DE PAULA (UFF)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

IASMIN GABRIELE NASCIMENTO DOS SANTOS (UFRJ)
MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)
THAYNÁ FERNANDES ALVES RIBEIRO (UFF)
VINÍCIUS DE ALMEIDA COSTA (EGN)

SUL DA ÁSIA

JOÃO MIGUEL VILLAS-BOAS BARCELLOS (UFRJ)
MARINA SOARES CORRÊA (UFRJ)
REBECA VITÓRIA ALVES LEITE (EGN)

TEMAS ESPECIAIS

ALESSANDRA DANTAS BRITO (EGN)
LOUISE MARIE HUREL SILVA DIAS (LONDON SCHOOL OF ECONOMICS)

ÍNDICE

AMÉRICA DO SUL		LESTE ASIÁTICO	
A geopolítica do rio Paraguai: crise hídrica e econômica.....	5	Tensão no Estreito de Taiwan ressalta necessidade de uma postura mais assertiva dos EUA	12
AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL		SUL DA ÁSIA	
Possível república de Barbados e a geopolítica do Mar do Caribe.....	6	Marinha do Paquistão: modernizações para uma década	13
O ambicioso plano para o poder marítimo estadunidense	6	SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA	
ÁFRICA SUBSAARIANA		Vietnã: construção naval e parcerias estratégicas	
A ferramenta militar pacificadora camaronesa na região central da África	7	14	
Internacionalização da insurgência em Cabo Delgado	8	ÁRTICO & ANTÁRTICA	
EUROPA		Primeira viagem do maior quebra-gelo russo em direção ao Ártico	
Empresa naval turca sofre sanções econômicas da União Europeia	8	Nova Zelândia e Estados Unidos projetam novas estações antárticas	
ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA		Artigos Selecionados & Notícias de Defesa.....	
As disputas marítimas entre Líbano e Israel e as recentes negociações	9	16	
As relações de longa data entre Marrocos e Estados Unidos.....	10	Calendário Geocorrente.....	
RÚSSIA & Ex-URSS		Referências.....	
Nagorno-Karabakh e a disputa geopolítica entre Moscou e Ancara	10	17	
A crise no Quirguistão e sua importância para geopolítica da Ásia Central.....	11	Mapa de Riscos.....	
		18	

PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Desconsiderando a pandemia de COVID-19

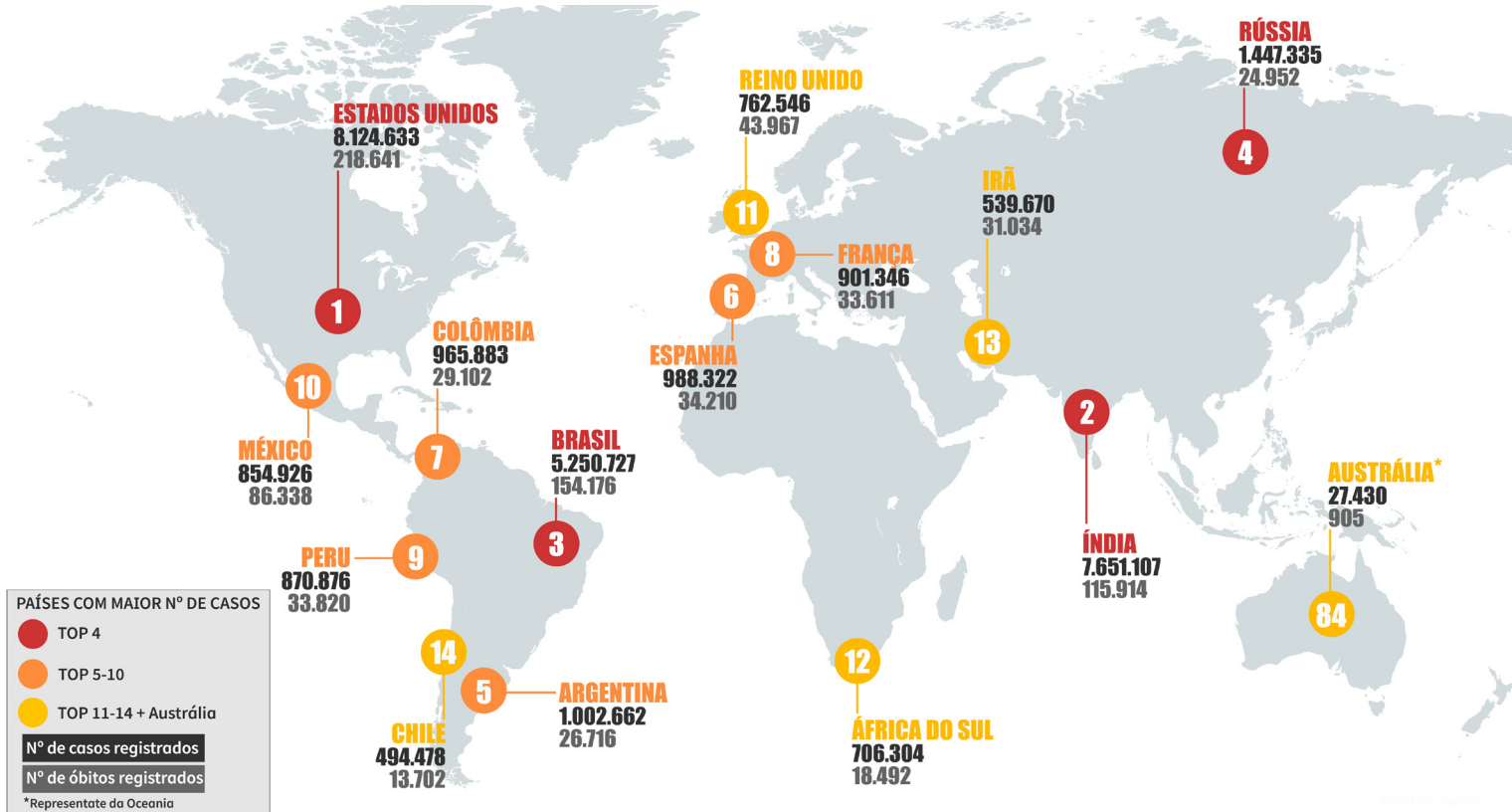


Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 18.

ACOMPANHAMENTO COVID-19

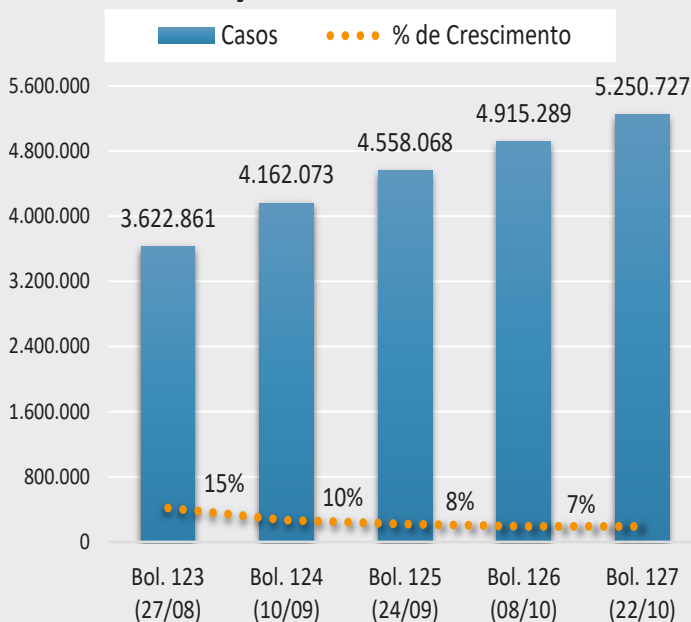
PRINCIPAIS PAÍSES AFETADOS PELA COVID-19

Dados segundo o "WHO COVID-19 Dashboard", publicado no dia 21 de outubro de 2020.

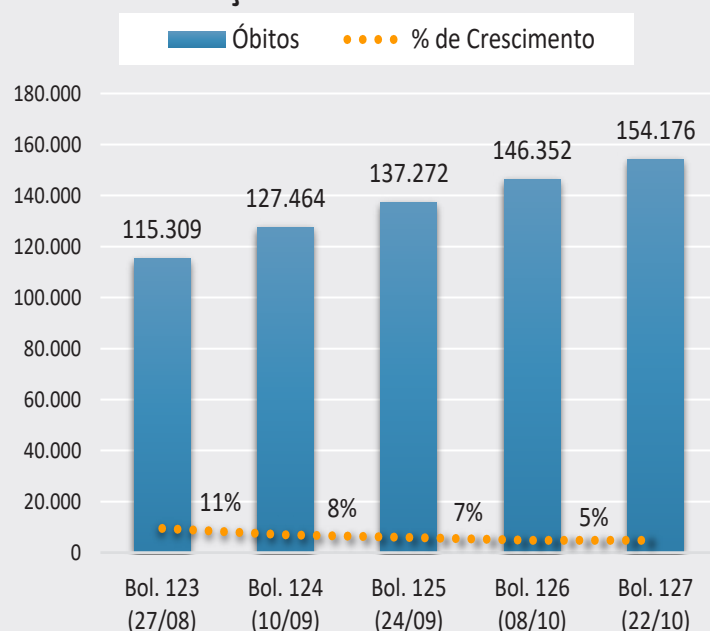


ACOMPANHAMENTO NO BRASIL

Evolução no Número de Casos



Evolução no Número de Óbitos



Fontes: Organização Mundial da Saúde; Banco Mundial

A geopolítica do rio Paraguai: crise hídrica e econômica

Pedro Kilson

A bacia do rio Paraguai representa, historicamente, um dos espaços geográficos que compõem a geopolítica do Cone Sul. Cenário de litígios fronteiriços, trocas comerciais, escoamento de produção, bem como espaço de concretização de políticas externas da Argentina, Brasil, Bolívia e Paraguai. Os principais rios da bacia (Paraguai e Paraná) se encontram em situação de estiagem, a maior dos últimos 50 anos. O fenômeno coexiste com as dinâmicas da política internacional na região, marcada por discrepâncias, no âmbito do Mercosul, e instabilidades econômicas que são, em parte, consequência de conflitos internacionais quanto ao preço do petróleo e dos desdobramentos da pandemia.

Paraguai e Bolívia são estrategicamente dependentes da atividade comercial desenvolvida na bacia, uma vez que o transporte fluvial configura uma alternativa para a ausência de saída ao oceano, especialmente numa conjuntura global marcada pelo fechamento das fronteiras. Nesse sentido, a seca na bacia acentua os pontos de estrangulamento estrutural de ambos os países, ressaltando a necessidade de integração regional para o desenvolvimento de estratégias conjuntas. No caso argentino, estima-se uma perda de aproximadamente US\$ 244 milhões em matéria de comércio exterior,

destacando-se a impossibilidade de as embarcações operarem em sua totalidade. Dessa forma, a seca que atinge o rio Paraguai afeta diretamente o desempenho do comércio internacional por vias fluviais, inviabilizando uma retomada do crescimento econômico dos países da região.

A região de tríplice fronteira, juntamente à bacia do Paraguai, configura-se como um cenário estratégico para a política externa estadunidense para a América do Sul, por sua localização geográfica, bem como pela abundância de rios e terras cultiváveis. Na perspectiva geopolítica, trata-se de uma zona potencialmente conflituosa, em razão da presença significativa de água, bem como da complexidade que envolve o caráter fronteiriço da região. O Paraguai constitui, nesse cenário, um território poroso no qual se multiplicam as possibilidades de trânsito irrestrito de pessoas, mercadorias, assim como de materiais lícitos e ilícitos. Esta conjuntura confere desafios ao processo de integração regional e desenvolvimento dos países da região, bastante afetados pela recessão global e adversidades climáticas. Tal cenário é propício para novas políticas de cooperação multilateral e de integração intrarregional, necessitando de concertação política dos Estados envolvidos.



Possível república de Barbados e a geopolítica do Mar do Caribe

Rafael Esteves

Em 16 de setembro de 2020, o governo de Barbados anunciou que o país pretende retirar a rainha Elizabeth II como chefe de Estado e tornar a ilha uma república até novembro de 2021. Acredita-se que a iniciativa desencadeará um movimento republicano que pode abranger países da *Commonwealth* caribenha. A história desse país com a Inglaterra começa em 1625, quando as primeiras expedições chegaram à ilha, que manteve-se sob domínio britânico até 1966, ano de sua independência.

Desde o final da Segunda Guerra Mundial, o Reino Unido vem perdendo influência ao redor do globo. Isto é refletido em seus gastos militares, que resultam na diminuição do efetivo das Forças Armadas britânicas e conseqüentemente sua presença no Mar do Caribe. Apesar disso, o país conta com algumas instalações militares em Belize, ativadas depois de um acordo bilateral formalizado em março de 2020, e em seus territórios ultramarinos de Montserrat e Ilhas Cayman, além de contar com uma unidade de patrulha marítima da *Royal Navy* (*Atlantic Patrol Tasking North*). É importante ressaltar que a presença de Londres também se encontra no campo econômico, uma vez que grandes empresas britânicas atuam na região, com destaque para a petrolífera *British Petroleum*, que opera nas ilhas de Trinidad e Tobago.

O Mar do Caribe tem relevância estratégica, visto que nele localizam-se importantes reservas de petróleo e o Canal do Panamá, rota interoceânica entre o Atlântico e o Pacífico, por onde transita 6% do comércio mundial. Reconhecendo esta importância, desde 2008, os Estados Unidos reativaram a IV Esquadra de sua Marinha (SOUTHCOM) para atuar na região. Destaca-se que a China, desde 2005, vem aumentando seus investimentos em países como Barbados, Jamaica, Bahamas e outros pertencentes à *Commonwealth*.

A diminuição da presença militar permanente na região enfraquece a influência britânica (restrita em ações militares de patrulha marítima, combate às drogas e a ajuda humanitária), que pode justificar essa atitude de Barbados. A iniciativa pode incentivar outros Estados caribenhos a se desvincularem, definitivamente, da antiga metrópole colonial. Além disso, o vácuo de poder deixado por Londres pode ser aproveitado para o aumento de influência de outros atores, como Pequim e Washington.



O ambicioso plano para o poder marítimo estadunidense

Jéssica Barreto

Em 06 de outubro de 2020, o secretário de Defesa dos EUA, Mark Esper, divulgou os resultados de um estudo elaborado pelo Departamento de Defesa (DoD), em parceria com a Marinha, sobre a reestruturação da Força nos próximos anos. Denominado “*Battle Force 2045*”, o esforço de análise e concepção foi encabeçado pelo vice-secretário, David Norquist. Com embasamento na obra do almirante Alfred Mahan, a partir de uma visão

de competição e necessidade de domínio do mar, o plano prevê uma Força de 480 a 534 navios até 2045. O número é influenciado pelo poder naval chinês, o maior do mundo em número de unidades, e seus planos de modernização da Força para os próximos 15 anos.

Apesar de apresentar mudanças, como o aumento no número de pequenos navios de superfície e logísticos, o plano destaca dois pontos: submarinos e embarcações >>>

autônomas. Sendo uma das principais plataformas de ataque do poder americano, o objetivo do DoD é alcançar de 70 a 80 submarinos, inclusive indo além das 12 embarcações classe *Columbia*, planejadas atualmente ([Boletim 125](#)). A segunda prioridade é a construção de entre 140 e 240 embarcações autônomas ou parcialmente tripuladas, visando, principalmente, um grande número de navios que possam ser sacrificados em caso de conflito, diminuindo o número de baixas humanas da Força; além de garantir maior capacidade de consciência situacional marítima. A mídia denomina essa parte do documento como *Ghost Fleet*.

Três problemas prejudicariam esse plano no longo prazo. O primeiro deles é a capacidade do setor de construção naval do país. Os estaleiros, principalmente aqueles pertencentes à Marinha, constantemente

apresentam problemas de atrasos e falta de infraestrutura, sendo necessária uma ampla política de revitalização, além de cooperação com a iniciativa privada. O segundo é relacionado ao tempo de maturação da tecnologia, principalmente quanto às embarcações autônomas, que pode prejudicar o cronograma estipulado pelo DoD. O último problema diz respeito ao orçamento. A Marinha tem passado por um processo de redução de custos, entretanto, alguns projetos de menor prioridade teriam que ser abandonados para compensar esses gastos futuros. Espera-se prometer transferir fundos do DoD, aumentando para 13% do orçamento a parcela da construção naval – aproximadamente US\$ 24 bilhões. Entretanto, será necessário o apoio do Congresso, que ainda não recebeu o documento, para que essa iniciativa vá em frente.

ÁFRICA SUBSAARIANA

A ferramenta militar pacificadora camaronesa na região central da África

Isadora Jacques

Em 18 de setembro de 2020, Camarões designou centenas de militares e policiais, que já se encontravam nas tropas da Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas para a Estabilização da República Centro-Africana (MINUSCA) em vigência desde abril de 2014, para garantirem a paz previamente às eleições, que ocorrerão em dezembro na República Centro-Africana. É esperado que grupos rebeldes se mobilizem com o intuito de oferecer resistência ao processo eleitoral do país, marcado pela instabilidade política, econômica e, também, pela guerra civil. Estas ameaçam a segurança de quase 5 milhões de habitantes de um dos países mais pobres do mundo, em contraposição às jazidas de urânio, ouro, diamantes e petróleo.

Paralelamente, Camarões possui um desafio igualmente relevante na bacia do Lago Chade ([Boletim 95](#)), junto de seus aliados Chade, Níger e Nigéria. Unidos precisam coordenar esforços através da Força-Tarefa Conjunta Multinacional (MNJTF, sigla em inglês) com o objetivo de impedir o avanço das múltiplas facções do Boko Haram, grupo extremista islâmico oriundo da Nigéria. Com 18 anos de atuação, os jihadistas, com ideais

e ações extremistas, pouco incomodam países de fora da periferia e do continente africano, mesmo que o grupo seja considerado o mais mortífero do globo. Diante deste cenário, é evidente a necessidade de coalizão da MNJTF, enquanto uma instituição consistente de resistência ao avanço das práticas violentas e que se comprometa, concomitantemente, com o reestabelecimento do lago, recurso natural vital da região.

Mesmo que essas forças reativas à instauração do terror na região do Lago Chade tenham períodos temporários de sucesso nesse enfrentamento, é preciso que haja investimento da comunidade internacional, tanto no âmbito regional, por meio da União Africana, quanto da União Europeia, com o intuito de reduzir a violência na localidade. Camarões, diante desses dois desafios, mesmo que de origens distintas, destaca-se como uma liderança militar em busca de estabilização e paz. Uma abordagem eficaz no esforço pacificador na República Centro-Africana pode conferir aos camaroneses a segurança de integrar suas tropas e estratégias militares com seus aliados, para o enfrentamento do extremismo que fragiliza e desintegra a planície do Lago Chade.

Internacionalização da insurgência em Cabo Delgado

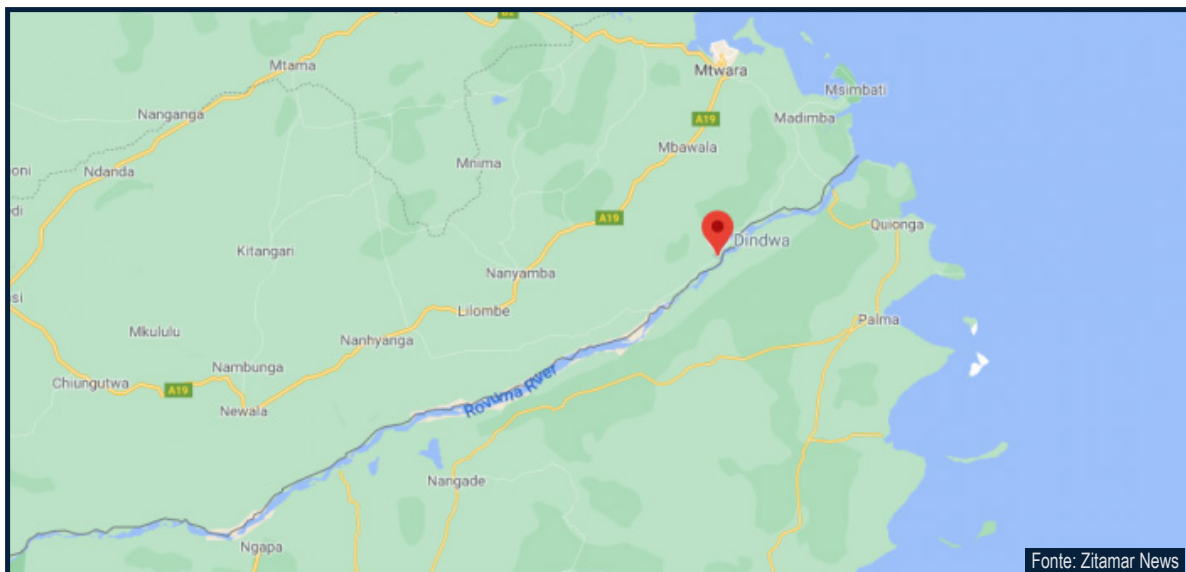
Ariane Francisco e Franco Alencastro

Recentemente, a Tanzânia foi palco de um ataque perpetrado por membros de um grupo insurgente islâmico originário em Cabo Delgado, distrito do norte de Moçambique (Boletins [116](#), [122](#) e [125](#)). Apesar de não ser o primeiro ataque em solo tanzanita – em novembro de 2019, seis civis foram executados em uma aldeia fronteiriça a Moçambique –, o desta semana foi reivindicado pelo Estado Islâmico e, ainda que a ligação da insurgência com o grupo moçambicano seja vista com cautela por analistas, essa investida e seus possíveis desenvolvimentos políticos apontam para uma maior internacionalização e transbordamento regional do conflito.

Em 14 de outubro de 2020, um grupo de cerca de 200 insurgentes entrou em confronto com as Forças Armadas da Tanzânia, em Kitaya, onde pelo menos dois militares e vinte civis morreram. O povoado fica do lado tanzanita do rio Rovuma, transitável por canoas, e fontes alegaram que os terroristas voltaram a Moçambique na mesma noite. Ainda durante o evento, o grupo destruiu um pôster do presidente do país, e candidato à reeleição, John Magufuli. Com as eleições marcadas para 28 de

outubro, o ato mostra também o caráter político que os ataques podem tomar.

O ataque a Magufuli não é desprovido de um contexto: em maio, o presidente tanzanita, que ocupa a presidência rotativa da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC, sigla em inglês), declarou o apoio da organização a Moçambique no conflito. Entretanto, não foram tomadas medidas concretas para a resolução do conflito. A relação entre Tanzânia e Moçambique precede a independência deste país, tendo o Estado ao norte recebido os combatentes da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) durante a guerra pela independência, nos anos 1960. Desde que o atual conflito teve início, em 2017, a Tanzânia tem sido alvo de críticas do governo moçambicano por sua falta de cooperação no combate aos extremistas. Segundo o vizinho, a atuação tanzanita se resumiria a armar a fronteira para impedir a entrada destes no território da Tanzânia. Torna-se cada vez mais evidente, contudo, que a Tanzânia não pode se isolar do conflito, e que a cooperação internacional deve ser aprofundada para superar este desafio.



EUROPA

Empresa naval turca sofre sanções econômicas da União Europeia

Melissa Rossi

No dia 21 de setembro, o Conselho da União Europeia (UE) aprovou sanções econômicas contra a empresa naval turca *Avrasya Shipping*, acusada de violar o embargo de armas à Líbia, estabelecido pela resolução 1970 (2011) do Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU). O navio de carga *Çirkin*, desta empresa, havia sido interceptado em junho, no Mediterrâneo Central,

pela fragata francesa *Courbet*, que atuava na Operação *Sea Guardian* da OTAN interceptando o tráfico de armas na área. Escoltada por fragatas turcas, que ameaçaram a fragata francesa, o *Çirkin* recusou a vistoria. Segundo a decisão do Conselho, ele “estava ligado ao transporte de equipamentos militares à Líbia em maio e junho de 2020”.

A Política Externa e de Segurança Comum (PESC) da UE permite que o bloco imponha sanções econômicas contra países fora do bloco, empresas e indivíduos que sejam considerados ameaças à paz e à segurança. Uma vez que a sanção é aprovada por unanimidade no Conselho da União Europeia, cabe à Comissão Europeia implementá-la. No caso da *Avrasaya Shipping*, os bens da empresa foram congelados e, sendo assim, todas as contas bancárias ligadas a ela bloqueadas.

O tráfico de armas ilícitas no Mar Mediterrâneo Central tem ajudado a fomentar o conflito civil na Líbia, dividido entre o governo oficial em Trípoli e o governo oriental em Tobruk. Diversos atores externos têm enviado armas e mercenários para atuarem no país. Além

de fazer parte do entorno estratégico da UE, distando quase 200 milhas náuticas da ilha italiana de Lampedusa, a estabilidade do país norte africano é também de grande importância devido à presença de significativos campos de gás e petróleo em seu território ([Boletim 120](#)).

O envolvimento do governo turco e de empresas como a *Avrasaya Shipping* no conflito na Líbia tem gerado fortes tensões dentro da OTAN (a Turquia é um Estado-membro) e entre a Turquia e a UE, que também possui uma missão naval para interceptar armas no Mediterrâneo, a IRINI. Ankara alega que o embargo de armas, apoiado pela UE e a OTAN, é parcial e desfavorece somente um lado do conflito líbio. A UE, por sua vez, reitera a importância do embargo e de uma solução política à crise na Líbia.

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

As disputas marítimas entre Líbano e Israel e as recentes negociações

Ana Luiza Colares

Em 14 de outubro do corrente ano, ocorreu a primeira rodada de negociações entre Israel e Líbano referente à disputa marítima dos países, sediada em uma instalação da Força Interina das Nações Unidas no Líbano (UNIFIL, sigla em inglês), em Naqoura. Após a curta reunião, autoridades afirmaram que no próximo dia 28 ocorrerá a rodada seguinte.

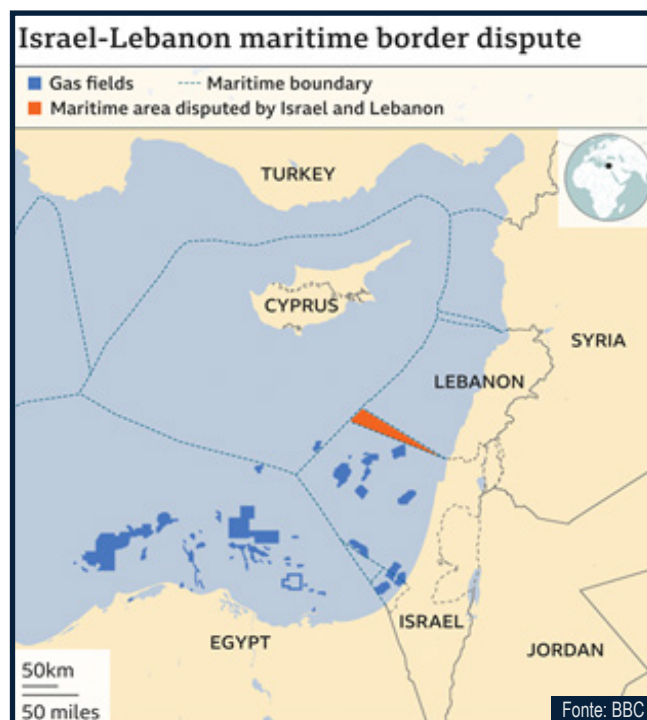
Desde o conflito árabe-israelense de 1948-1949, os países fronteiriços permanecem em estado de guerra, sendo suas fronteiras — delimitadas pela Organização das Nações Unidas — consideradas as mais tensas da região e, conseqüentemente, onde a UNIFIL atua tentando mediar as ofensivas entre forças israelenses e libanesas, incluindo a atuação do grupo Hezbollah.

As negociações ocorrem em um momento de recessão da economia libanesa: a dívida pública do Líbano atingiu em 2018 o percentual de 151% de seu PIB, e sua moeda foi desvalorizada 80% frente ao dólar. Desta forma, um elemento que se torna crucial para sua recuperação econômica é a exploração dos recursos energéticos no leste do Mediterrâneo, na área disputada.

Estão em questão 330 milhas náuticas no Mediterrâneo, que ambos os países afirmam estar em sua Zona Econômica Exclusiva e, dessa maneira, teriam soberania sobre a região. Segundo o Instituto de Estudos de Segurança Nacional em Tel-Aviv, para Israel, as negociações têm três objetivos principais: negar ao Hezbollah justificativa para a guerra com Israel; diminuir a possibilidade de o Hezbollah tornar as plataformas de perfuração de gás israelenses um alvo; e, finalmente, mostrar aos libaneses que eles podem beneficiar-se da cooperação com Israel. Já para o Líbano, uma área

marítima proporcionaria não apenas ativos financeiros ao país, mas o ajudaria a construir uma imagem produtiva, ao alavancar sua atividade de exploração *offshore*.

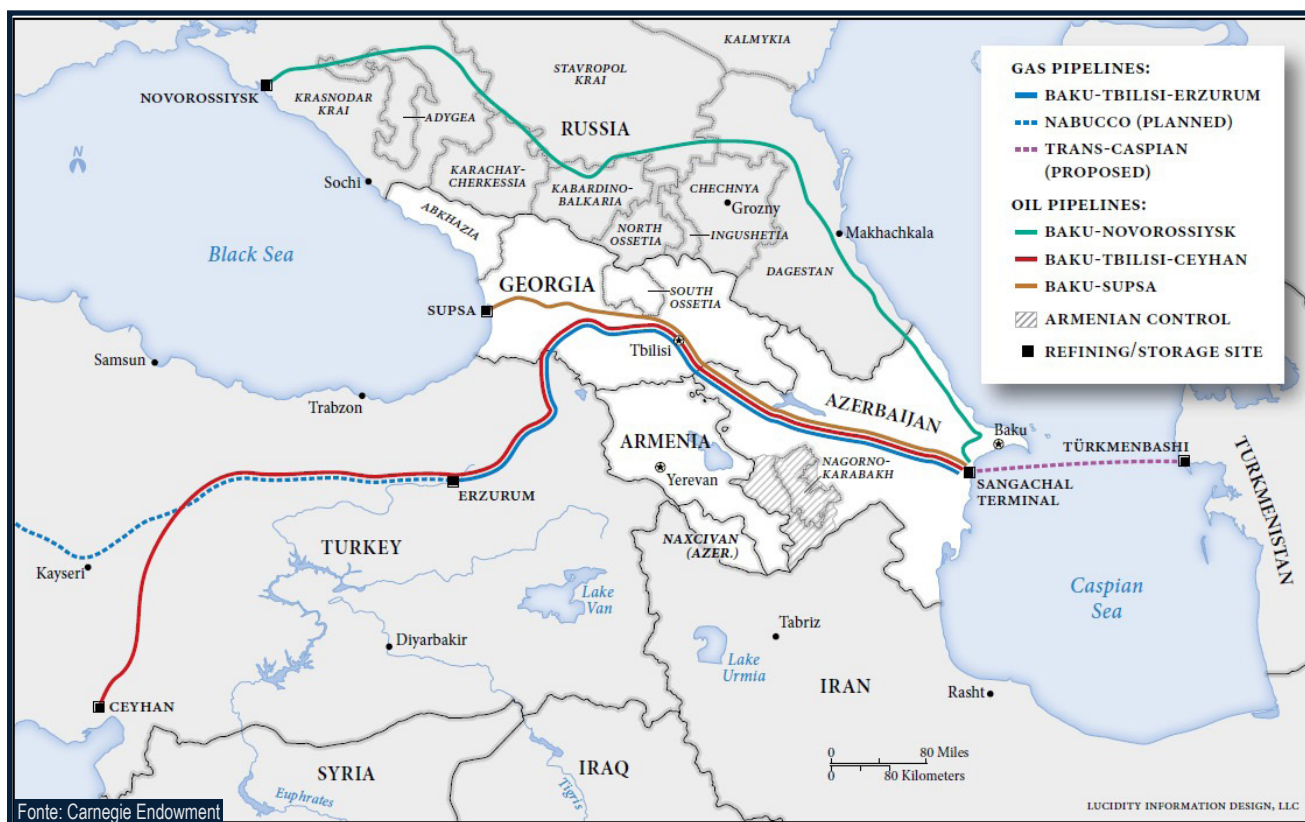
Contudo, as atuais negociações geraram descontentamento à população do Líbano, apesar das autoridades libanesas afirmarem que esta não é uma movimentação para a normalização das relações com Israel. Logo, um desfecho positivo das negociações beneficiaria a economia libanesa, mas não pode ser considerada como a resolução da situação conturbada do país, visto que este sofre uma crise estrutural que inclui a má administração das contas públicas e a massiva corrupção governamental.



Cabe ressaltar que a região é rica em recursos energéticos como petróleo e gás e, por trás desta disputa territorial, há a questão dos gasodutos, importante para a Turquia. Esta, desde a época do Império Otomano, tem um passado conturbado devido ao genocídio do povo armênio, em 1915, até hoje não reconhecido oficialmente, em que morreram entre 800 mil e 1,5 milhão de armênios. Hoje, em contraste com outras potências regionais, a Turquia apoia abertamente o Azerbaijão, fornecendo armas e encorajando que o governo retome à força a área perdida para os separatistas, em 1990. A Turquia, que fechou as fronteiras com a Armênia, em 1993, como consequência da guerra, também demanda que os armênios renunciem a estas áreas como melhor forma de solução. Outro importante ator envolvido é a

Rússia que, apesar da aliança com a Armênia por meio da Organização do Tratado de Segurança Coletiva (CSTO, sigla em inglês), também mantém boas relações com Baku, e é um dos líderes do Grupo de Minsk, principal fórum de negociação.

Nesse cenário, o principal interesse de Moscou é o esfriamento do conflito, pois uma escalada da violência na região poderia atravessar a fronteira e causar problemas no norte do Cáucaso. No entanto, vai de encontro com a forma como o governo turco vem lidando com a questão, tornando-se um foco de tensão entre ambos. É importante lembrar que a Turquia é parte da OTAN e que, portanto, um cenário sombrio de escalada que acabe por envolver as potências regionais poderia trazer consigo outros países sob o artigo 5º da Carta da organização.



A crise no Quirguistão e sua importância para geopolítica da Ásia Central

Pedro Martins

No dia 15 de outubro, o então presidente do Quirguistão, Sooronbay Jeebenkov, renunciou após dias de protestos contra os resultados das eleições parlamentares de 04 de outubro, que deram resultado favorável a partidos governistas e aliados. Diante desse resultado e de uma crise econômica e social causada pela pandemia do novo coronavírus, protestos eclodiram na capital Bishkek e em outras cidades do país. Os manifestantes chegaram a tomar prédios governamentais, como a sede de governo e do Parlamento quirguiz e a libertar da prisão o ex-presidente Almazbek Atambayev e também Sadyr Japarov, que foi nomeado primeiro-

ministro por Jeebenkov antes de sua renúncia, em um esforço de conciliação com os manifestantes.

O Quirguistão é um dos cinco países da Ásia Central e um dos três que tem fronteira com a China. Com um PIB de US\$ 8,1 bilhões, a economia do país depende das exportações de algodão e remessas internacionais (29% do PIB, segundo dados do Banco Mundial de 2019). Outro agravante é a divisão étnico-política do país em norte e sul, cada qual com suas elites e clãs regionais.

Almazbek Atambayev – ex-presidente do país desde 2017 e preso sob acusações de corrupção – é do norte do país, região menos religiosa e habitada majoritariamente >>>

por russos e quirguizes étnicos. Já Sooronbay Jeenbekov é do sul, região mais religiosa e diversa etnicamente, com marcada presença de uzbeques étnicos. Agravantes adicionais são a presença da base militar russa na cidade de Kant; uma comunidade uighures e as fronteiras com a China (Xinjiang) a oeste e com o Uzbequistão ao sul. Existem temores de que os confrontos políticos se transformem em conflitos étnicos, a exemplo do que aconteceu após a revolta de 2010. Na ocasião, os confrontos entre quirguizes e uzbeques étnicos na parte

sul do país provocaram o deslocamento de 75 mil pessoas em uma semana.

Mesmo sem grande atenção midiática, o Quirguistão é um país chave na Ásia Central por seus vínculos geopolíticos com Rússia e China, bem como sua divisão étnica. Não é irrealista pensar que esses eventos – especialmente eventuais confrontos étnicos decorrentes da crise política – atrairiam potências mundiais para a disputa política interna.

LESTE ASIÁTICO

Tensão no Estreito de Taiwan ressalta necessidade de uma postura mais assertiva dos EUA

Filipe Porto e Philippe Alexandre

Segundo um artigo dos professores Richard Haass e David Sacks, “o Estreito de Taiwan é o local mais provável para um confronto entre EUA e China”. O artigo argumenta que Washington deve abandonar a política de ambiguidade e tornar explícito que responderá a qualquer uso da força pelos chineses contra Taiwan, endossando que apenas a garantia de segurança clara deterá uma China (RPC, República Popular da China) cada vez mais assertiva e com capacidades militares crescentes. Em 10 de outubro de 2020, durante discurso do Dia Nacional de Taiwan, a presidente Tsai Ing-wen se comprometeu em fortalecer a capacidade de defesa da ilha, aproximar-se de parceiros regionais, mas também buscar diálogo mais substancial com a RPC.

Tsai afirmou que o governo continuará a modernizar as competências de defesa da ilha, explorando ações de guerra assimétrica para lidar com a provocação chinesa, através de ativos como minas inteligentes e mísseis portáteis, de forma a tornar um possível ataque chinês difícil e custoso. Tal postura vai de encontro com o interesse de Washington em manter Taipé como comprador de armas e sistemas de defesa. Desde o fim da Guerra Civil chinesa, em 1949, com a China comunista vitoriosa e a fuga dos “rebeldes” para a Ilha Formosa, os EUA perceberam a urgência de trabalhar conjuntamente com Taiwan, considerada chave estratégica na contenção da RPC na região.

A política de ambiguidade para tratar da questão preservou a estabilidade no Estreito por décadas e pode continuar a prevenir um possível conflito. A estratégia dos EUA para conter os interesses chineses no Estreito seria reforçando seu poder dissuasório. Ao escolher deliberadamente uma política de “não-compromisso” e ambiguidade, os EUA poderão se colocar em posição insustentável, fornecendo à RPC grande vantagem na

propaganda contra Taiwan. Sem postura mais assertiva, Japão, Coreia do Sul, Filipinas, Austrália e outros aliados podem duvidar do comprometimento de Washington com os aliados regionais.

Portanto, a questão central é o futuro do *status* de Taiwan em meio à atual disputa hegemônica. Se por um lado é território reivindicado por Pequim, por outro é visto como estratégico na contenção da RPC pelos EUA. Diante dessa conjuntura, a tendência é de as tensões se intensificarem.



Marinha do Paquistão: modernizações para uma década

Marina Corrêa

No dia 07 do presente mês, ocorreu a troca de comando da Marinha paquistanesa (PN, sigla em inglês), em que o almirante Muhammad Amjad Khan Niazi assumiu como seu novo Chefe do Estado-Maior Naval (CNS, sigla em inglês). Durante a cerimônia, houve a tradicional entrega do pergaminho e a colocação da coroa de flores no monumento Shuhada. Porém, em termos estratégicos, foi o discurso proferido pelo chefe cessante que delineou as metas da Marinha a serem concluídas até 2030, e abordou as modernizações que já estão sendo feitas, dando ênfase principalmente à busca de *know-how*.

Primeiramente, o ex-chefe mencionou que a Marinha se organizou estruturalmente para que as mudanças pudessem ocorrer. Tendo, portanto, reformado seus esquadrões de contratorpedeiros e de navios patrulha em três grupos tarefa de superfície, localizados em Gwadar, Ormara e Karachi, e ativado as estações aeronavais na costa oeste. O ex-chefe deu destaque aos projetos de expansão de sua esquadra para mais de 50 embarcações, das quais 20 se destacam como as principais — fragatas, contratorpedeiros, submarinos; praticamente o dobro

do número atual. A previsão é que entre 2021-23 a PN receba quatro fragatas chinesas (*Type 054A/P*), de 2023-25 comissione quatro corvetas turcas (MILGEM, encomendadas em 2018), além de seis navios de “tonelagem maior” a serem ainda contratados.

Ainda, a visão da Marinha inclui o *Hangor Submarine Program*, parceria entre a *China Shipbuilding Industry Corporation (CSIC)* e o *Karachi Shipyard & Engineering Works (KSEW)* para construção de oito submarinos convencionais *Type-039B* (quatro de cada parceiro), que serão somados aos três atuais. Do lado chinês, o prazo de entrega dado foi entre 2022-2023, já do lado paquistanês, o prazo é 2028.

É importante destacar que, mesmo com todas as aquisições, a Marinha paquistanesa permanece inferior à sua rival indiana. Contudo, representa sua disposição de ser uma Marinha de Águas Azuis, capaz de, parcialmente, neutralizar os avanços da sua rival, gerando um poder crível. Um meio de sustentar essa expansão é justamente através do desenvolvimento de sua indústria de defesa e da pesquisa, o qual Islamabad já está executando, principalmente, com apoio turco e chinês.



Vietnã: construção naval e parcerias estratégicas

Thayná Fernandes

As crescentes tensões no Mar do Sul da China têm permitido que cada vez mais países asiáticos desenvolvam projetos de cooperação, especialmente no âmbito da Defesa. Em setembro, foi anunciado um acordo de US\$ 400 milhões entre a empresa japonesa *Mitsui* com o governo vietnamita para a construção de seis navios-patrolha à Guarda Costeira e à Marinha do Vietnã. Com data de entrega da última embarcação para 2025, o projeto visa garantir a segurança marítima e a liberdade de navegação do país.

Com cerca de três mil quilômetros de extensão litorânea e localizado em uma região bastante estratégica, o Vietnã vem desenvolvendo sua capacidade de construção naval e se tornando um importante *hub* marítimo na Ásia: dos portos, 44 possuem capacidade total de circulação de, aproximadamente, 400 mil toneladas por ano; atrai investimentos de nações como Holanda, Rússia e Coreia do Sul. Ainda, o Estado exportou para a Nigéria, durante 2019, navios patrulha de pequeno porte, finalizando neste mesmo ano os testes em água de outros dois de 40 metros comprados por Abuja.

Em 2018, o governo vietnamita adotou o “Plano de Desenvolvimento Marítimo Sustentável até 2030 com

perspectivas a 2045”. Compreendendo o mar como recurso extremamente importante ao desenvolvimento e Defesa do país, o plano objetiva que o Vietnã se torne até 2030 “uma forte nação marítima”; cabe ressaltar que a economia deste setor representa, aproximadamente, 10% de seu PIB.

Um dos principais desafios acerca de sua segurança naval são as disputas no Mar do Sul da China. Em abril de 2019, alguns de seus barcos pesqueiros chegaram a ser afundados por Pequim, ação que tem sido recorrente nos últimos anos. Para contrapor o avanço chinês, um dos principais parceiros de Hanói é Tóquio: com o fim da proibição de vendas de armas e equipamentos de Defesa japoneses, os laços entre os dois países estão cada vez mais firmes. Acredita-se que, nos próximos dias, haverá visita do novo primeiro-ministro japonês, Yoshihide Suga, fato que propiciará novos acordos de exportação em defesa, incluindo embarcações patrulha da classe *Kunigami*, de grande interesse aos vietnamitas. Embora Hanói procure manter-se independente e não alinhado à potências da região, reforçar laços estratégicos é um importante elemento dissuasório, quando se tem uma ameaça do tamanho de uma China tão perto.

ÁRTICO & ANTÁRTICA

Primeira viagem do maior quebra-gelo russo em direção ao Ártico

Raphaella Costa

Em 03 de outubro de 2020, o novo quebra-gelo nuclear russo, *Arktika*, alcançou o Polo Norte geográfico. A embarcação, que em 22 de setembro de 2020 deixou o Estaleiro em São Petersburgo em direção ao porto de Murmansk, realizou a viagem a fim de testar sistemas e equipamentos em condições de gelo. O trajeto incluiu a navegação no Oceano Ártico, ao norte do arquipélago russo de Franz Josef Land, com destino à Murmansk. Ainda que apenas dois dos três motores da embarcação estejam em pleno funcionamento, esta foi uma das primeiras movimentações do maior e mais poderoso navio quebra-gelo nuclear do mundo, cujos testes já ocorreram também no Mar Báltico e no Golfo da Finlândia no início do mês de setembro.

A embarcação, que deve ser entregue em breve à estatal *FSUE Atomflot*, parte da empresa nuclear russa *Rosatom*, é o primeiro quebra-gelo do Projeto 22220

deste país. Com um deslocamento de cerca de 33.000 toneladas e seus 190 metros de comprimento, o navio foi construído com duplo casco, já dentro das normas previstas pelo Código Polar para navios que operam nas regiões polares. A Rússia é, até o momento, o único país capaz de operar quebra-gelos movidos a energia nuclear, embora a China já tenha sinalizado a possibilidade de também construir o seu. A tecnologia implementada nessa unidade provou romper o gelo de até três metros de espessura, superando as expectativas iniciais de 2,1 metros.

Apesar de atrasos na entrega, inicialmente prevista para 2017, e problemas técnicos enfrentados em um dos motores elétricos, o *Arktika* e os futuros navios do Projeto 22220 refletem as ambições de Moscou em um cenário ártico de acirradas disputas geopolíticas permeadas por reflexos já visíveis das mudanças climáticas, facilitando »

o acesso marítimo à região e aos seus recursos naturais. Em termos comparativos, a política russa visa manter o *status* do país enquanto maior operador de quebra-gelos do mundo, já que os Estados Unidos, ainda que sejam a maior potência militar global, operam, no momento,

apenas duas embarcações com tal capacidade. Nota-se, portanto, o contínuo compromisso russo na expansão e modernização de sua tecnologia a fim de se firmar como grande gigante polar.

Nova Zelândia e Estados Unidos projetam novas estações antárticas

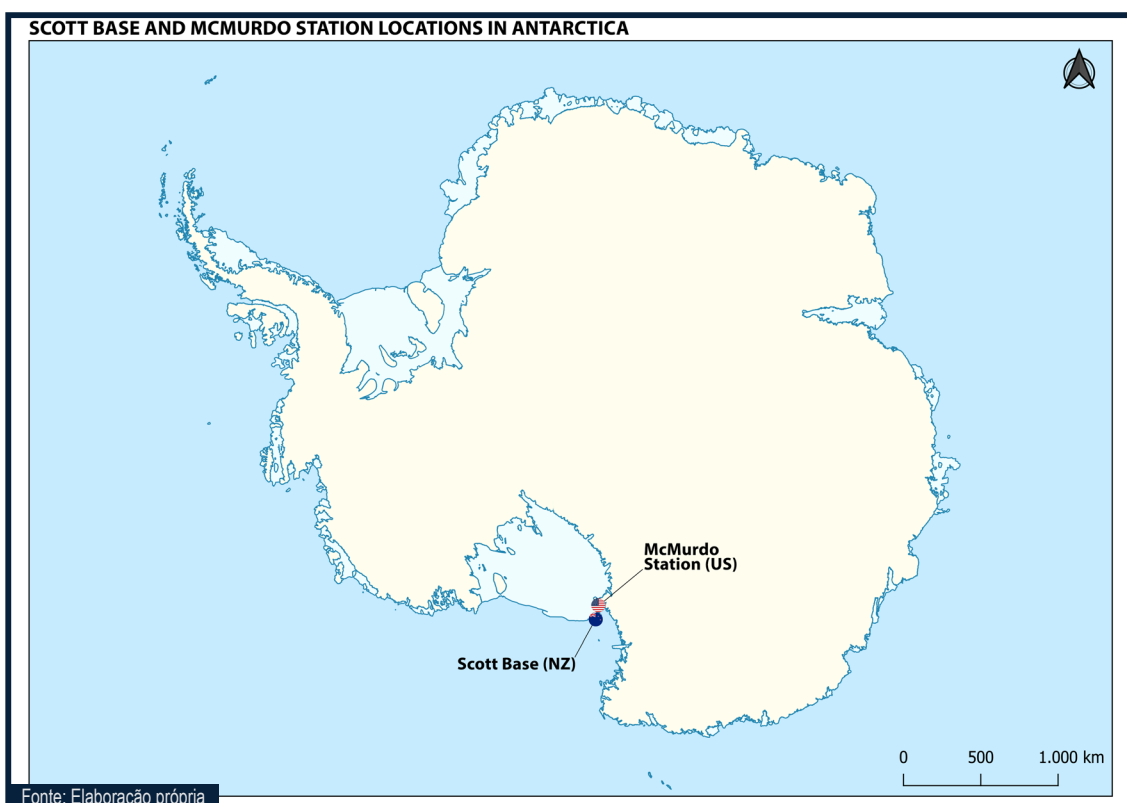
Ana Carolina Lahr

Recentemente, foi divulgado um relatório apresentando indicativos que o nível do mar na Estação Scott (única estação de pesquisa da Nova Zelândia na Antártica) subirá até 1,64 metro nos próximos cem anos. Nos últimos sessenta anos de pesquisa antártica, a ciência aumentou em complexidade e extensão, demandando maior suporte ao longo do tempo. A Estação Scott, em função do gerenciamento e adaptação às mudanças, possui um planejamento de reestruturação da instalação. Com um investimento de US\$ 250 milhões, o instituto de pesquisa neozelandês *GNS Science* já considera os cenários de previsões globais dos níveis do mar e riscos de tsunamis. As atividades de modernização propostas contam com estratégias para minimizar o impacto ambiental e que atendam a padrões de eficiência energética, condições logísticas e metas de gestão ambiental. Entre os quatro estágios de planejamento, o projeto encontra-se no terceiro, e o início da construção está previsto para o verão de 2022-23.

Vizinha à Estação Scott, McMurdo, a principal Estação científica do Programa Antártico dos EUA (são três estações permanentes) e a maior estação de todo o continente antártico (no verão chega a alojar

1.200 pessoas), também possui um grande projeto de revitalização previsto para os próximos dez anos. A necessidade de modernizar a estação estadunidense está diretamente relacionada com os altos custos de logística das operações antárticas, além das condições de segurança. Este projeto tem como seus principais objetivos: transformar a estação em uma plataforma mais eficiente operacionalmente, energeticamente e, conseqüentemente, mais segura para a condução e suporte dos diversos projetos científicos. As obras da estação foram iniciadas durante a temporada do verão austral de 2019-2020. No entanto, durante 2020-2021, foi suspensa devido a preocupações com a segurança por conta da COVID-19.

Christchurch, na Nova Zelândia, uma das principais portas de entrada para a Antártica, será empregada para apoio de ambos os projetos de construção das estações. A longo prazo, estes projetos de modernização permitirão uma melhor capacitação e performance para que Nova Zelândia e Estados Unidos desenvolvam seus empreendimentos científicos de maneira mais eficiente, garantindo um melhor apoio aos interesses antárticos dos dois países.



- ▶ [The Quad Sharpens Its Edges](#)
PROJECT-SYNDICATE, Brahma Chellaney
- ▶ [Food \(In\)Security in Fragile Countries: Africa and West Asia](#)
ISPI, Camillo Casola e Annalisa Perteghella
- ▶ [Japan's Glacial Ascendance](#)
GEOPOLITICAL FUTURES, Phillip Orchard
- ▶ [Stability Amid Strategic Deregulation: Managing the End of Nuclear Arms Control](#)
CARNEGIE, Dmitri Trenin
- ▶ [Will the US- China rivalry bring back interventionists policy to Southeast Asia?](#)
MODERN DIPLOMACY, Aristyo Darmawan
- ▶ [Digital minilaterals are the future of international cooperation](#)
BROOKINGS, Tanya Filer e Antonio Weiss
- ▶ [Europe wants 'strategic autonomy' — it just has to decide what that means](#)
POLITICO, Paola Tamma
- ▶ [The US Navy's 'Manhattan Project' has its leader](#)
C4ISRNET, David B. Larter

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

OUTUBRO

- 24** Eleições parlamentares no Egito
- 25** Plebiscito do Chile para uma nova Constituição
- 28** Eleições gerais na Tanzânia
- 28** Rodada de negociações entre Líbano e Israel sobre fronteiras marítimas
- 31** Eleições parlamentares na Geórgia
- 31** Eleições presidenciais da Costa do Marfim

NOVEMBRO

- 03** Eleições gerais nos EUA
- 04** Cúpula Anual sobre Vigilância Costeira e Segurança Marítima do Caribe
- 03-05** Cúpula de Segurança da América do Sul
- 15** 1º turno das Eleições locais e regionais no Brasil
- 17** 12ª Cúpula do BRICS
- 21-22** 15º Reunião da Cúpula do G20
- 29** 2º turno das Eleições locais e regionais no Brasil

REFERÊNCIAS

- **A geopolítica do rio Paraguai: crise hídrica e econômica**

MELO, Thailane. [Argentina lança gasoduto bilionário para levar gás até Porto Alegre](#). O Petróleo, 15 set. 2020. Acesso em: 18 set. 2020.

PAPALEO, Cristina. [Vaca Muerta: ¿una burbuja en la crisis Argentina?](#). DW, 30 jan. 2020. Acesso em: 18 set. 2020.

- **O ambicioso plano para o poder marítimo estadunidense**

ECKSTEIN, Megan. [SECDEF Esper Calls for 500-Ship Fleet by 2045. With 3 SSNs a Year and Light Carriers Supplementing CVNs](#). USNI News, 06 out. 2020. Acesso em: 15 out. 2020.

MCLEARY, Paul. [Navy Scours Budget To Build More Ships; SecNav Looks To WWII Carriers As Model For Future](#). Breaking Defense, 08 out. 2020. Acesso em: 15 out. 2020.

- **Possível república de Barbados e a geopolítica do Mar do Caribe**

LANDALE, JAMES. [Barbados to remove Queen Elizabeth as head of state](#). BBC News, 16 set. 2020. Acesso em: 15 out. 2020.

REINO UNIDO DA GRÃ-BRETANHA E IRLANDA DO NORTE. [UK/ Belize: Treaty concerning the Status of UK and Northern Ireland Forces in Belize and Defence Cooperation](#). The Foreign and Commonwealth Office, 03 mar. 2020. Acesso em: 15 out. 2020.

- **A ferramenta militar pacificadora camaronesa na região central da África**

KINDZEKA, Moki E., [Cameroon Deploys Peacekeeping Troops to CAR for Election Stability](#). VOA News, 18 set. 2020. Acesso em: 29 set. 2020.

[What Role for the Multinational Joint Task Force in Fighting Boko Haram?](#). International Crisis Group, 07 jul. 2020. Acesso em: 29 set. 2020.

- **Internacionalização da insurgência em Cabo Delgado**

[Mozambique-based insurgents attack Tanzanian town](#). Zitamar news, 16 out. 2020. Acesso em: 17 out. 2020.

[Tanzânia: Tensões com Moçambique devido a conflito em Cabo Delgado](#). Africa Monitor Intelligence, 24 jun. 2020. Acessado em: 17 out. 2020.

- **Empresa naval turca sofre sanções econômicas da União Europeia**

[EU Sanctions Turkish company at a time when Operation Irlini reaches full capability](#). Nordic Monitor, 23 set. 2020. Acesso em: 13 out. 2020.

UNIÃO EUROPEIA [Libya: EU imposes additional sanctions for human rights abuses and arms embargo violations](#). Conselho Europeu, 21 set. 2020. Acesso em: 15 out. 2020.

- **As relações de longa data entre Marrocos e Estados Unidos**

[Morocco. USA sign historic ten-year defense agrément](#). The North Africa Post, 02 out. 2020. Acesso em: 03 out. 2020.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. [A Guide to the United States' History of Recognition, Diplomatic, and Consular Relations, by Country, since 1776: Morocco](#). Office of the Historian, Foreign Service Institute. Acesso em: 10 out. 2020.

- **As disputas marítimas entre Líbano e Israel e as recentes negociações**

[Lebanon and Israel hold talks on disputed sea border despite state of war](#). BBC News, 14 out. 2020. Acesso em: 20 out. 2020.

[Lebanon, Israel launch talks over maritime border dispute](#). Al Jazeera, 14 out. 2020. Acesso em: 20 out. 2020.

- **Nagorno-Karabakh e a disputa geopolítica entre Moscou e Ancara**

STRONSKI, Paul. [The Nagorno-Karabakh Conflict Is a Bad Omen](#). Carnegie Endowment, 14 out. 2020. Acesso em: 14 out. 2020.

[Russia disagrees with Turkey's position on Nagorno-Karabakh conflict. Russian foreign minister says](#). Reuters, 14 out. 2020. Acesso em: 14 out. 2020.

- **A crise no Quirguistão e sua importância para geopolítica da Ásia Central**

ILYUSHINA, Mary. [Kyrgyzstan president Jeenbekov resigns after unrest](#). CNN, 15 out. 2020. Acesso em: 15 out. 2020.

GABUEV, Alexander; UMAROV, Temur. [The Scramble for Power in Kyrgyzstan](#). Carnegie, 08 out. 2020. Acesso em: 08 out. 2020.

- **Tensão no Estreito de Taiwan ressalta necessidade de uma postura mais assertiva dos EUA**

HAASS, Richard; SACKS, David. [American Support for Taiwan Must Be Unambiguous](#). Foreign Affairs, 02 set. 2020. Acesso em: 14 out. 2020.

LEE, Yimou; BLANCHARD, Ben. [Taiwan president to pledge strong defences as China tensions rise](#). Reuters, 09 out. 2020. Acesso em: 14 out. 2020.

- **Marinha do Paquistão: modernizações para uma década**

[Outgoing Pakistan navy Chief sets massive 50-ship fleet vision](#).

QuwaDefence News, 10 out. 2020. Acesso em: 16 out. 2020.

CHAUDHARY, Smriti. [To Match Indian Navy, Pakistan Rapidly Growing Its Naval Fleet With Chinese Assistance](#). Eurasian Times, 08 out. 2020. Acesso em: 16 out. 2020.

- **Vietnã: construção naval e parcerias estratégicas**

NGUYEN, Hannah. [Japan supports Vietnam Coast Guard to build six patrol vessels](#). Vietnam Times, 30 jul. 2020. Acesso em: 15 out. 2020.

STRANGIO, Sebastian. [Japan's Suga Set to Authorize Arms Sales to Vietnam](#). The Diplomat, 15 out. 2020. Acesso em: 15 out. 2020.

- **Primeira viagem do maior quebra-gelo russo em direção ao Ártico**

MIZOKAMI, Kyle. [Russia's Nuclear-Powered Icebreaker Is a Step Toward Military Domination](#). Popular Mechanics, 24 set. 2020. Acesso em: 29 set. 2020.

[Nuclear icebreaker Arktika reaches the North Pole](#). The Arctic, 5 out. 2020. Acesso em: 12 out. 2020.

- **Nova Zelândia e Estados Unidos projetam novas estações antárticas**

HARVIE, Will. [Antarctica NZ planning for sea level rise – and fall – at Scott Base](#). Stuff, 28 set. 2020. Acesso em: 29 set. 2020.

[Modernization of NSF's logistics hub in Antarctica ready to move forward](#). National Science Foundation, 26 fev. 2019. Acesso em: 29 set. 2020.

CAPA:

[ARTIKA. QUEBRA-GELO NUCLEAR RUSSO](#)

POR: ABARINOV

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 03 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência direta ou indireta na economia brasileira e impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Ademais, serão considerados os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Após a seleção dos fenômenos, estes são categorizados em alto risco (vermelho) ou médio risco (laranja), seguindo parâmetros que refletem a gravidade do risco: quantidade de vítimas, relevância dos atores envolvidos, impacto na economia global e possibilidade da escalada de tensões. Os países em cinza representam conflitos que monitoramos, caso

tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

Devido ao aumento do número de casos (infectados, internados e mortos) relacionados à COVID-19, houve uma adaptação na análise do cenário. Dessa forma, elaborou-se um mapa à parte, com os países com maior número de infectados, e os países com maior número de infectados na África e na Oceania de acordo com o último relatório da OMS divulgado até a data deste boletim. Dessa forma, os países foram divididos em vermelho, laranja e amarelo de acordo com o número de casos totais.

As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

► ALTO RISCO:

- IÊMEN — Guerra civil e crise humanitária: [Celebrations as Yemen civil war prisoners freed in huge swap](#). The Guardian, 15 out. 2020. Acesso em: 19 out. 2020.
- LÍBIA — Escalada da guerra civil: [Libya: Military leaders resume UN-sponsored talks](#). Al Jazeera, 19 out. 2020. Acesso em: 19 out. 2020.
- LÍBANO — Crise estrutural: [Lebanon’s year of fire](#). Al Jazeera, 16 out. 2020. Acesso em: 19 out. 2020.
- VENEZUELA — Crise estrutural: [Oposición venezolana prepara consulta popular para repudiar a Maduro](#). Reuters, 19 out. 2020. Acesso em: 19 out. 2020.
- BELARUS — Crise política e tensões com o bloco europeu: [Belarus’ Protests Are Bound to Fail](#). The National Interest, 17 out. 2020. Acesso em: 18 out. 2020.
- MOÇAMBIQUE — Conflito entre governo e forças insurgentes: [European Union agrees to help Mozambique tackle insurgency: statement](#). Reuters, 14 out. 2020. Acesso em: 19 out. 2020.
- FRONTEIRA ENTRE ARMÊNIA E AZERBAIJÃO - Conflito armado na região de Nagorno-Karabakh: [The conflict we can’t ignore](#). CNN News, 13 out. 2020. Acesso em: 18 out. 2020.
- QUIRGUISTÃO - Crise política: [What’s Next for Kyrgyzstan?](#) The Diplomat, 14 out. 2020. Acesso em: 19 out. 2020.

► MÉDIO RISCO:

- MEDITERRÂNEO ORIENTAL — Aumento das tensões entre Grécia e Turquia: [East Med: Greece, Cyprus seek more EU pressure to stop Turkey](#). Al Jazeera, 16 out. 2020. Acesso em: 19 out. 2020.

• MAR DO SUL E DO LESTE DA CHINA, HONG KONG & TAIWAN — Avanço chinês sobre as regiões: [China sends vessels and planes as U.S. warship sails near South China Sea islands](#). The Japan Times, 10 out. 2020. Acesso em: 19 out. 2020.

• SÍRIA - Tensões na região de Idlib: [Turkey withdraws some observation posts from northern Syria](#). Arab News, 19 out. 2020. Acesso em: 19 out. 2020.

• FRONTEIRA SINO-INDIANA - Impasse na ALC: [Chinese soldier detained by India after straying across border](#). The Guardian, 20 out. 2020. Acesso em: 20 out. 2020.

► EM MONITORAMENTO:

• UCRÂNIA - Tensões transfronteiriças Rússia-Ucrânia: [What are the main obstacles in Ukraine's new national security strategy?](#) New Europe, 06 out. 2020. Acesso em: 19 out. 2020.

• BOLÍVIA - Crise política e social: [A tense Bolivia awaits voting results in redo amid pandemic](#). Associated Press, 19 out. 2020. Acesso em: 19 out. 2020.

• CHILE - Crise política e social: [Gobierno presentará querellas por violencia durante manifestación del 18-O](#). T13, 19 out. 2020. Acesso em: 19 out. 2020.

• TAILÂNDIA - Escalada de tensões em manifestações contra o governo: [Clashes at Thailand anti-government protests in Bangkok](#). Al Jazeera, 14 out. 2020. Acesso em: 19 out. 2020.